

## ESCOLA NORMAL DE FEIRA DE SANTANA: FONTE PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

*Maria Lêda Ribeiro de Barros\**

*Stela Borges de Almeida\*\**

**RESUMO** — *Este artigo decorre do projeto Fontes para o estudo de História da Educação em Feira de Santana, em andamento no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, e foi apresentado no I Congresso Brasileiro de História da Educação (ICBHE), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 2000<sup>1</sup>. Está estruturado em três partes: a primeira pertinente ao contexto histórico de Feira de Santana, a segunda, sobre as primeiras décadas da Escola Normal (anos 20-50) e a terceira apresenta os achados da pesquisa (anos 50-80). Para sua elaboração, recorreremos à literatura existente sobre Feira de Santana, sobre a Reforma de Anísio Teixeira, de 1925, sobre a Escola Normal de Feira, e documentos do atual Instituto de Educação Gastão Guimaráes<sup>2</sup>.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *História da Educação; Escola Normal; Fontes de Pesquisa.*

**ABSTRACT** — *This article was derived from the project Source for the Study of the History of Education in Feira de Santana, currently in progress at the Department of Education at the Universidade Estadual de Feira de Santana, and was presented at the First Brazilian Conference on the History of Education (ICBHE), at the Universidade Federal do Rio de Janeiro, in November 2000. It has three parts: the first relates to the historical context of Feira de Santana, the second concerns about the opening decades of the 'Escola Normal', or Teacher Training College (from the twenties to the fifties), and the third presents research findings for the fifties to the eighties. In elaborating this work, we had access to existing literature on Feira de Santana, on the Reforms of Anísio Teixeira*

---

\* Prof. Assistente do Dep. de Educação, Mestre em Educação.  
E-mail: leda@stc.com.br - Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação - Tel./Fax (75) 224-8084 - BR 116 - KM 03, Campus - Feira de Santana/BA - CEP 44031-460.

\*\* Prof. Adjunto (UFBA), Doutora em Educação, Prof. Visitante (UEFS/1998-2000). E-mail: stelaborges@uol.com.br

*in 1925, on the Escola Normal of Feira and documents from the present-day Instituto de Educação Gastão Guimarães.*

**KEY WORDS:** *History of Education; Teacher Training College; Study Source.*

## **1 DA FEIRA DE SANTANA**

A cidade tem a sua origem demarcada na fazenda Santana dos Olhos d'Água, localizada no caminho do gado que ligava o interior da Bahia a Salvador e que, no final do século XVII, era uma das fazendas do Arraial de São José das Itapororocas<sup>3</sup>. Era uma grande propriedade pertencente ao português Domingo Barbosa de Araújo e a sua mulher Ana Brandoa que, ao se instalarem no local, construíram uma capela dedicada a Santa Ana e São Domingos e, ao longo do tempo, constituiu um local de encontro de viajantes que demandavam a capital e outras regiões:

Dessa maneira a pouco e pouco se ia desenvolvendo uma feira periódica em Santana dos Olhos d'Água. A feira, que teve início no primeiro quartel do século XVIII, deu o seu nome à atual Feira de Santana. Conhecida a princípio como a feira de Santana dos Olhos d'Água, depois se chamou simplesmente de Feira de Santana<sup>4</sup>.

A feira que dá origem à cidade da Feira de Santana vai ganhando importância e ficando mais conhecida no nordeste brasileiro. Em 1914, o jesuíta europeu J. S. Tavares, em viagem pela Bahia, descreve a feira, ilustrando-a com chapas de vidro:

É dia de feira. O comboio rebocado por duas máquinas sobe a custo as ladeiras empinadas por sobre despenhadeiros horrendos, desde o leito do Paraguassú, em S. Felix, a 16 metros acima do nível do mar, até à altitude de 220 metros na Estação da Serra, donde vai correndo por um extenso taboleiro, semeado de pequenas lagoas, algumas povoadas de peixes e jacarés. Nas clareiras da catinga sertaneja, formada de rachíticos arbustos espinhosos de folha miuda, alvejam as flôres das malhadas ou roças de fumo. Lá em baixo, no valle do Paraguassú, ondeia um extenso véo de branca

neblina, como de algodão em rama, a beijar as encostas dos montes que formam a garganta do rio. Gente a cavallo, acompanhada dos pagens e muito gado atulham todas as estradas, em direção à feira, por entre o ciclo matinal da viração embalsamada. Dentro do combôio os grupos dos marchantes discutem as probabilidades dos lucros, a animação do último mercado e a alta dos preços e suas causas. Eis-nos em frente da elegantinha cidade da Feira de Santanna, orgulhosa de sua casaria branca e das ruas retilíneas e largas, onde se notam movimento e borborinho desusados. Dardeja o sol ardente seus doirados raios, a prumo, sobre a vasta praça rectangular em que se apinham, como em colmeia bem povoada, muitos milhares de pessoas, com todas as gradações de côr, desde o branco mais alvo até o tabaréo de tês requemada e ao negro retinto. Os sertanejos desenfardam as pelles e o cordame, tiram das cargas os cestos cheios de verduras (quiabo, machiche, chuchú, repolho, tomates, pimentos) e frutas diversas – melancias em grande quantidade, jacas, abacaxis, côcos, pinhas, maracujás, umbús e enfiadas de frutos de ricorí, a modo de rosários. Outros abrem as broacas, ou caixas rectangulares forradas de couro cru, onde trazem a farinha de mandioca para vender, à razão de 2\$200 rs. os 20 litros. Os saccos cheios de feijão de várias qualidades formam longas filas; além jazem renques de balaios ou cestas elegantes, quinquilherias, espanadores, olaria, gaiolas cheias de passarinhos variegados, papagaios presos em suas piozes, junto de elegantinhos saguís; e, assim mesmo, calçado sertanejo de todas as formas, incluindo chinelos de couro com labores entalhado. As doceiras sem conto, assentadas no solo, apregoam a bondade dos dôces, côcadas e pasteis que lhe encham os taboleiros, como se elles não bastaram a desafiar a gulodice do rapazio e dos gastrónomos. Entre todos brilham os alvos beijús, na feição de hóstias encoscoradas, beijús que eu não conhecia senão de nome<sup>5</sup>.

Feira de Santana foi-se configurando como uma cidade comercial, de base agropecuária cuja atividade industrial era principalmente doméstica, ou constituída de manufaturas com baixa tecnologia até a metade do século. Já no século passado, era considerada um empório do sertão baiano, onde todos do interior vinham comercializar seus produtos e fazer compras de outros, só encontrados na Feira, muitos dos quais, grandes negociantes da cidade mandavam vir de Salvador, inclusive artigos importados<sup>6</sup>.

A indústria vai se desenvolvendo de forma irregular até a 2ª Guerra Mundial, tendo peso significativo a produção do fumo. Em 1940, contavam-se 35 estabelecimentos industriais, entre usinas de beneficiamento e fábricas. Até aí, havia uma limitação de mercado para os produtos – as indústrias ou eram inteiramente manuais ou utilizavam o carvão vegetal como fonte de energia ( caso das olarias, por exemplo). Segundo Poppino, entre 1940-1950, há um incremento considerável de estabelecimentos industriais, em virtude do crescimento demográfico da população, do progresso dos transportes e da eclosão da guerra – que cria dificuldades de importação de produtos manufaturados.

A construção de várias estradas, no estado, e da Rio-Bahia, transforma Feira de Santana no eixo do sistema rodoviário da Bahia, e isso vai significar um tráfego regular de transporte de caminhões, propiciando maior dinâmica à cidade, com reflexos sociais e econômicos.

A partir dos anos 70, a cidade vai sofrendo modificações significativas com a implantação do Distrito Industrial de Subaé. Feira de Santana vai ampliando suas características de cidade-entroncamento, atraindo imigrantes de todas as regiões, pelas possibilidades de trabalho e de serviços que oferece, constituindo, atualmente, uma área predominantemente urbana – já em 1980, 80% da população residia na zona urbana<sup>7</sup>. Na década de 70, cria-se a Universidade Estadual de Feira de Santana, que passa a funcionar a partir de 1976, contribuindo para a ampliação da influência regional e da importância da cidade. Dessa forma, uma cidade que, até os anos 50-60, com uma população predominantemente rural, era uma cidade típica de interior com uma dinâmica de vida tradicional, fundada em traços agrário-comerciais, vai-se transformando, adquirindo traços modernos e se configurando como a segunda maior cidade do estado, a porta de entrada do sertão baiano com todas as problemáticas sociais daí decorrentes.

## **2 ESCOLA NORMAL DE FEIRA DE SANTANA**

A importância política e a sua peculiar situação de confluência tornam Feira de Santana uma das sedes das Escolas Normais

previstas no artigo 119 da Lei 1.846, de 14 de agosto de 1925, conhecida como Reforma Anísio Teixeira. Criada em 1926 por decreto do Governador Francisco Marques de Goés Calmon (1924-1928), de 27 de janeiro, e inaugurada em 1º de junho de 1927, a Escola Normal de Feira de Santana representa uma iniciativa de formação de professores, associada à implementação da instrução primária na Bahia<sup>8</sup>. É Anísio, à frente da Instrução Pública da Bahia no período 24-28, que vai tentar implementar um sistema público de escola primária, articulando propostas de mudanças na velha escola de *ler, escrever e contar*, da época do Império, com formação de professores e medidas visando resolver o problema de prédios escolares.

A Escola Normal de Feira de Santana, em 1927, registrou uma matrícula de 40 alunos no primeiro ano normal e de 61, nos dois anos do curso fundamental, números expressivos, comparados com os da Escola Normal de Caetité, que tinha 23 alunos nas duas primeiras séries normais e, 31, no curso fundamental. Referindo-se à Escola Normal de Feira de Santana, Anísio Teixeira afirmava:

Todos os cursos funcionaram com a regularidade e apenas terminando o exercício escolar do primeiro ano, podemos registrar que se trata de um instituto que foi satisfazer uma real necessidade escolar naquela zona<sup>9</sup>.

A Escola Normal de Feira de Santana foi sediada no Grupo Escolar J.J. Seabra, inaugurado em 1916, considerado o prédio mais suntuoso na Bahia que abrigou um grupo escolar<sup>10</sup>.

A inauguração da Escola Normal, em 1º de junho de 1927, foi uma festa em Feira de Santana, com o comércio fechado e passeata cívica na cidade. A inauguração assim foi noticiada:

A Feira culta deixou-se polarizar por intenso júbilo vendo traduzida para a realidade uma de suas lídimas aspirações: o instituto de ensino normal, aparelhamento indispensável à derrama de educadores, de que tanto havemos mister para a alfabetização das populações rurais de que a urbs se veio tornar centro e núcleo de irradiação intelectual...O 1º de junho de 1927 deve se constituir

d'ora avante uma data memorável nos anais da vida político-social da Feira de Santana, visto assinalar uma de suas mais dignificadoras conquistas<sup>11</sup>.

Folha do Norte, junho de 1927

Feira vai receber alunas de vários municípios e a Escola Normal, transformada em orgulho feirense, movimentará a cidade, inclusive economicamente, pelos pensionatos para moças que começarão a surgir.

Em 1935, a Escola Normal, em decorrência de um decreto do então governador capitão Juracy Montenegro Magalhães (1935-1937) e da *direção ruralista* do governo Getúlio Vargas (1930-1945), passa a denominar-se Escola Normal Rural. Esse constituiu, também, um acontecimento marcante em Feira de Santana, pelo entusiasmo que despertou, provavelmente pelos *novos tempos* que se anunciavam à época, realizando-se, inclusive, nova inauguração.

Em 1949, por decreto do governador Otávio Mangabeira (n.º 14.307, de 05 de março de 1949) atendendo à Lei estadual n.º 130, de 14.12.1948 e à Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-lei 8.530, de 02 de janeiro de 1946) que determinava a criação de cursos ginasiais/secundários, passa a ser chamada Escola Normal e Ginásio Estadual de Feira de Santana. Em nova conjuntura de exigências legais, passa a chamar-se, a partir de 1958, Escola Normal e Colégio Estadual de Feira de Santana. Reorganizados os espaços públicos de oferta do curso secundário, o Ginásio e o Colégio da Escola Normal passaram a constituir o Colégio Estadual de Feira de Santana em prédio próprio. Em 1962, atendendo proposta da Câmara de Vereadores, a Assembléia aprova lei, sancionada pelo governador do estado, Juracy Montenegro Magalhães (1959-1963), e a Escola Normal passa a denominar-se Instituto de Educação Gastão Guimarães. Esse registro de trajetória sinaliza marcos de possíveis mudanças na formação de professores primários.

Instituição marcante na história social e educacional da cidade, sempre envolvida, ininterruptamente, com a formação de professores, ao longo de sua trajetória de 73 anos, vivenciou os diversos momentos que cercaram a carreira profissional da

professora primária, desde sua ascensão e prestígio social até o da proletarização e perda do prestígio.

Nos anos 30, os jornais da cidade traziam muitas notícias sobre a Escola Normal e as normalistas. Em 18 de março de 1935, em matéria sobre a abertura do ano letivo, encontra-se:

E não é só: quem não fica com a alma deleitada ao contemplar diariamente a passagem das centenas de garotas tricolores? É esse um dos poucos espetáculos aos quaes não nos acostumamos...não há quem não estremeça à passagem das normalistas sempre alegres; seus sorrisos penetram em noss'alma e têm o poder maravilhoso de nos tornar alegres também...As nossas ruas, principalmente a Conselheiro Franco, parece, participam da alegria das normalistas, e julgam-se, cremos, em constante festa íntima, saboreando conosco da mesma satisfação que as anima...E, às vezes, quem não tem vontade de ser as pedras da rua, para viver sob os pés de tanta deusa fardada?

Folha de Feira, 18 de março de 1935<sup>12</sup>

#### Professoras formadas pela Escola Normal lembram:

Ah, minhas memórias... era uma época maravilhosa, viu... Nós tínhamos duas coisas importantes: vontade de estudar, de aprender, apesar dos professores serem bem severos, mas nós adorávamos, né. Eram bem severos os professores e elas faziam um destaque; era um destaque tão grande que o professor ficava em cima de um tablado e a mesa do professor e o aluno em baixo. Mas era aquela disciplina, vamos dizer coerciva. Nós, quando tocava a sineta, prá início das aulas, os alunos entravam primeiro. Ficavam de pé, eretos, perfilados; o professor passava...<sup>13</sup>

Na memória de outra professora formada na primeira turma, em 1930, encontra-se referência ao prestígio de que desfrutava a professora primária:

Naquele tempo, a professora era muito respeitada. Tudo era professora para lá, professora para cá! Perdia-se o nome! Então, no meio dos meninos da escola ninguém chamava professora Violeta. Era professora e aquele respeito! Quando a professora chegava num lugar, sempre os melhores assentos eram da professora. Na sociedade destacavam-se o padre, o médico, a professora e o delegado...<sup>14</sup>

Em entrevista realizada para a pesquisa *Escola Básica em Feira de Santana 1950-1980*, outra professora, também formada em 1930, fala da trajetória que percorreu após formada:

Formei-me em 1930 pela Escola Normal de Feira de Santana. Em 1931 exerci o magistério no Arraial de Indaí, que também se chamava naquele tempo de Covão e, em 1932 fui removida para a escola de Muzunguê numa fazenda no município de Castro Alves. Em 1932 já estava removida para a escola de uma fazenda chamada Estreito, no município de Afonso Pena. Passava um ano em cada localidade porque minha família morava em Feira de Santana e meu pai, como era natural, queria, desejava que viesse cada vez mais para perto dele... No ano de 1933 já eu estava em Santo Antonio de Jesus, em outra fazenda. Nos anos 34/35 eu já estava ensinando no antigo São José das Itaporocas, hoje Maria Quitéria, portanto muito mais próximo da Feira de Santana. Em 1936 eu fui removida para a Pedra do Descanso que é um subúrbio da Feira de Santana. Em 1939 eu passei a ensinar nas escolas Anexas à Escola Normal de Feira de Santana. Em 1953 eu fui a Salvador e me submeti a um concurso para a cadeira de Língua Portuguesa e passei então a ensinar português no curso secundário e continuei como professor primário<sup>15</sup>.

Deusas fardadas, alegres, inocentes, belas, as *minhas lindas normalistas* da canção popular detinham um prestígio que as igualava a médico, pároco, delegado, o que lhes atribuía uma autoridade pela posse de um saber. Desveladas, dedicadas, corajosas nas trajetórias que faziam ao término da Escola Normal, indo para os rincões mais distantes de sua cidade, com a convicção de que, de *remoção em remoção*, retornariam à cidade onde moravam seus familiares. Enfim, esses depoimentos localizam, na Feira dos anos 30-50, uma representação da professora primária local, que também era nacional .

Não há estudos que focalizem, hoje, o Instituto de Educação Gastão Guimarães, o maior estabelecimento de ensino público de Feira, com cerca de cinco mil alunos. A Feira de Santana já não é a *doce província* da primeira metade do século , onde ser estudante da Escola Normal, ser professora primária, receber parques salários , indicava prestígio e valor social. Ser estudante

do Gastão, como o Instituto é usualmente chamado, não tem hoje o mesmo significado social. Ser professora das quatro primeiras séries do ensino fundamental, na rede pública, hoje, também, tem outro significado político e social a ser analisado.

### **3 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GASTÃO GUIMARÃES (IEGG) NA IMPRENSA LOCAL: 1950-1980**

Como assinalamos, a história do IEGG encontra-se esboçada em poucos estudos e com finalidades diferentes, a partir do resgate em documentos impressos e depoimentos de professores que participaram da vida da instituição até, aproximadamente, a década de 70<sup>16</sup>. Os estudos e fontes sistematizadas que permitissem indicar as transformações e processos pedagógicos nos quais o instituto estivesse imerso nas últimas décadas, assim como aspectos específicos da sua trajetória, estão por fazer.

Em 1999, elaborado o projeto: *Fontes para o ensino de História da Educação em Feira de Santana*, com o propósito de produzir um guia de fontes abrangendo acervos, institucionais e particulares, segundo a sua origem, condições de acesso, conservação e relevância, constatou-se que o acervo de documentos relativos ao IEGG encontrava-se abandonado, depositado em arquivo morto. Por que uma instituição responsável pela formação de professores primários no interior do Estado da Bahia deixa perder a sua memória no tempo?

Em visita para a coleta dos dados da pesquisa referida, identificou-se um conjunto de informações reunidas em caderno plastificado, trabalho artesanal e assistemático, sem indicação do uso de técnicas arquivísticas, entretanto, considerado relevante e disponibilizado às visitas, por conter significativas informações sobre a história da instituição, a partir de 1950. O caderno de notícias, denominado *expediente colado*, traz informações sobre aspectos da legislação escolar (avisos, resoluções, portarias e outros), os eventos promovidos (festas, formaturas e apresentações da banda fanfarra) e manifestações oriundas de acontecimentos que causaram polêmica na vida da instituição (por exemplo, incêndio e greve).

As primeiras, as notícias relativas a aspectos da legislação, resultantes de atos e decretos publicados no Diário Oficial do Estado, no período, demandam um minucioso trabalho de consulta e cruzamento de dados com a legislação nacional, no sentido de verificar em que medida as ações foram implementadas na instituição e seus desdobramentos na vida acadêmica. As outras, veiculadas pelos periódicos locais e jornais de Salvador, dão conta de significativos eventos tradicionais ocorridos na instituição, tais como, as festas de comemoração do aniversário do instituto, as festas de formatura, os desfiles e inaugurações, as apresentações públicas da banda e outros acontecimentos considerados relevantes e de agressão na vida da instituição.

Considerando a relevância dos dados, embora dispersos, lacunares e sem uma sistematização que pudesse fornecer séries para análise, processo esse que demandaria outra pesquisa, reunimos as informações encontradas e comentamos, a seguir, as notícias veiculadas nos jornais, buscando relacionar com a vida do instituto anteriormente, período em que ser professora denotava prestígio e valor social na Cidade de Feira de Santana. (Cf. quadros 1,2,3 e 4 ao final do texto).

Em 1950, a Folha do Norte, periódico da cidade que circulava desde 1909, destaca: A Escola Normal, comemorou, com festas, o seu 23.º aniversário.

Hoje, graças ao interesse pelo ensino na Bahia, demonstrado pelo grande ministro Clemente Mariani, foi a Escola Normal dotada do curso ginásial gratuito, que era de a muito tempo, a aspiração de todos os feirenses. O povo que habita esta grande e moderna cidade, aguarda com grande e justificado interesse, a construção do Centro Regional de Educação. Comemorando o seu 23.º aniversário, a Escola Normal realizou na última quinta-feira, várias solenidades. A noite, em homenagem a ilustre feirense Georgina Erismann, saudosa mestra de música da Escola, foi realizado, no Cine Teatro Iris, um belíssimo festival de arte, organizado pelas professoras Margarida Suzarte Costa, de Educação Física e Armandina Freire de Araujo, de Música.

Folha do Norte, 03 de junho de 1950.

Os jornais locais, no período 50-80, enfatizam as comemorações de aniversário, as festas de formatura, as excursões realizadas por professores e alunos, as festas de posse dos diretores, comemorações de datas cívicas, as exposições do dia da bandeira. Menciona-se a grandiosidade dos eventos, são superlativas as qualificações sobre a cidade e a instituição escolar, além de serem lembrados alguns dos professores que participaram das cerimônias e dos eventos promovidos pela instituição. Lembrados nos jornais e na memória dos que contribuíram para o seu funcionamento, as notícias dão ênfase ao elogio e ganha realce a homenagem, sempre são grandiosas as comemorações em destaque.

O quadro de honra dos professores, quer em ilustração nas folhas dos jornais, quer na galeria de fotos emoldurada nas paredes do instituto, ainda hoje presente na instituição, ganha uma dimensão particular. Ser professora do Instituto de Educação Gastão Guimarães, nos anos 50, ainda conferia prestígio, relevância social e acontecimento social de destaque nas notícias das páginas sociais dos jornais da cidade.

Em 1959, no desfile escolar do 2 de Julho, mencionam-se os aplausos para a banda escolar que, com tambores e clarins, demonstrava o ritmo e o brilho do Instituto apresentando-se à cidade:

Estamos radiante com os aplausos conseguidos do povo para o nosso Colégio cujas alunas se apresentaram com saia azul, blusa branca, chapéu e luvas e os jovens de calça azul, blusa branca e gravata preta.

Jornal da Bahia, 04 de julho de 1959.

No Estado da Bahia, em 1959, os comentários são do mesmo teor:

Dos colégios que se apresentaram, brilhou o de Feira de Santana, com esta bela balisa à frente, que arrancou delirantes aplausos da multidão que foi às ruas saudar e comemorar a passagem da grande data.

O Estado da Bahia, 03 de julho de 1959.

Além das festas, também, as excursões culturais e visitas ao jornal de Salvador, A Tarde, aparecem com destaque, nos jornais locais.

Nos anos 60, percebem-se mudanças, menciona-se o contingente de alunas a serem diplomadas, denotando a ampliação do quadro de professoras primárias oferecidas à cidade de Feira de Santana.

O Instituto de Educação Gastão Guimarães, diplomará, êste ano, uma das maiores turmas que já passaram por aquele educandário. São, exatamente, 455 novos professores. Para paraninfo desta grande turma foi escolhido o Sr. Dival da Silva Pitombo e para patrono o Prefeito João Durval Carneiro, sendo a escolha dêste uma homenagem dos estudantes pelo trabalho que vem empreendendo em favor da classe estudantil da supercity.

Diário de Notícias, 15 de outubro de 1969.

Do ponto de vista da cultura local, a alusão à grandiosidade dos eventos, a citação recorrente aos homenageados, a referência a *supercity*, revelam o significado social que os jornais locais imprimiam aos eventos promovidos no Instituto e o valor cultural e social que esses eventos obtinham na vida da cidade. Outro aspecto, convém destacar, vai-se demarcando, na medida em que o contingente de alunas torna-se cada vez mais expressivo, e os índices de qualidade do ensino vão-se deteriorando, fatores que vão refletir transformações na vida do Instituto, conforme veremos a seguir.

Nos anos 70, as notícias sobre as divergências, polêmicas e questionamentos, quanto às normas de funcionamento e os ataques ao patrimônio da instituição, vão aparecer com mais intensidade nas notícias dos jornais.

O começo do ano letivo nos estabelecimentos de ensino da rede estadual, nesta cidade, foi tumultuado por um acontecimento inédito: o Instituto de Educação Gastão Guimarães, no ano do seu cinquentenário, iniciou as festividades com um foguetório quase dramático, sem deixar de ser cômico, matriculando ninguém sabe exatamente quantos estudantes além de sua capacidade normal. Diante da crise das vagas do denominado segundo grau, nesta

cidade, o fato assumiu proporções quase catastróficas, com algumas centenas de estudantes matriculados mas sem ter onde estudar, correndo de um canto para outro em desespero.

Folha do Norte, 16 de maio de 1977.

As insatisfações, quanto ao atendimento aos alunos, as queixas, quanto ao seu funcionamento, vão somar-se, às ações de agressão e depredação do patrimônio público, demonstrando que determinados contingentes reclamavam da organização e qualidade da oferta dos serviços educacionais na cidade. Iniciam-se as notícias sobre a ação de *vandalismos* e depredação da instituição, provocando a solicitação de seguranças, por parte da administração, aos órgãos responsáveis.

Foi totalmente destruído um depósito do Colégio Gastão Guimarães, ao meio-dia do último domingo, em verdadeiro ato de vandalismo, praticado por desocupados que constantemente vagueiam pela localidade.. O incêndio iniciou entre as 12 e 13 horas, e pouco tempo depois a cobertura caía, para finalmente só restar os escombros. O depósito continha carteiras escolares para serem recuperadas.

Feira Hoje, 28 de março de 1978.

Fins dos anos setenta, as denúncias, quanto à má qualidade do ensino, e a insatisfação, quanto à precariedade da oferta e o expressivo crescimento da demanda por educação, têm destaque na vida educacional do país. Em Feira de Santana, os jornais locais noticiam a ação dos *vândalos que queimam o depósito do Instituto e desocupados que depredam o Gastão Guimarães*:

Não se trata da primeira vez que isso acontece mormente no IEGG, onde as depredações e atos de destruição são constantes. Vários outros estabelecimentos da cidade vivem situação semelhante, tornando-se necessária a ação policial para impedir que elementos inescrupulosos continuem a destruir o patrimônio público. Numa cidade como Feira de Santana, onde o número de alunos praticamente excede ao de vagas existentes e o mobiliário escolar é quase

sempre incipiente, não se pode conceber que a situação persista, sob pena de ficarem ainda mais reduzidas as chances de alguns que realmente pretendem se educar.

Folha do Norte, 28 de março de 1978.

A situação de violência, de agressão ao patrimônio público, especialmente aos colégios, vai ser relatada com frequência nos noticiários, nos quais tem lugar o apelo da administração responsável para acionamento dos aparatos policiais e da segurança pública. Vejamos:

De alguns meses para cá, mais precisamente de setembro de 1977, os crimes, as agressões, os furtos, os roubos, os assaltos, os atos de violência se tornaram mais freqüentes e mais comuns na Feira de Santana e de nada adiantou montar todo o aparato de polícia civil que foi montado, pois, ao contrário do pretendido, o índice de criminalidade não diminuiu, aumentou consideravelmente, deixando em polvorosa toda uma comunidade. Não resta a menor dúvida que a Feira de Santana, em seu todo, e não apenas os colégios e prédios públicos, estão precisando de maior segurança, de maior tranquilidade e de maior amparo, para que possa continuar a desenvolver todo o seu potencial de progresso e para que possa exercer, em paz o seu trabalho cotidiano.

Feira Hoje, 29 de março de 1978.

Em 1980, mantêm-se as denúncias e atos de agressão às instituições escolares na cidade, permanecendo o Instituto de Educação Gastão Guimarães sob a ação de atos de depredação:

Não é a primeira vez que atos deste tipo ocorrem no IEGG. Segundo a própria diretora, somente este ano o colégio foi depredado em quatro oportunidades- em uma delas verificando-se roubo-, o que vem comprovar, mais uma vez, o descaso a que foram relegados os estabelecimentos públicos de ensino, em particular, que continuam sem qualquer esquema de segurança, apesar dos constantes arrombamentos e roubos.

Feira Hoje, 30 de setembro de 1980.

Observam-se, no período, notícias sobre a greve dos professores na cidade, indicando que houve divergências,

quanto à participação dos professores do Instituto de Educação Gastão Guimarães:

As dificuldades encontradas pela comissão que lidera o movimento são justamente nos colégios maiores, cuja adesão seria um “incentivo” para que os menores se incorporassem à luta. Na manhã de ontem, as atividades no Gastão Guimarães não sofreram qualquer alteração e alguns professores disseram desconhecer o movimento, deixando clara a posição de “ficarem de fora”.

Feira Hoje, 26 de outubro de 1984.

No aniversário de cinquenta anos da instituição, o Prof. Dival da Silva Pitombo, por mais de vinte anos diretor, período de 1955-1976, rememora a importância do evento, destacando, no noticiário local, a importância da instituição responsável pela formação de professores primários da mais larga tradição, e reconhece o seu valor social e prestígio:

Ela foi ( a Escola Normal antiga) a pioneira. Cresceu com a Feira de Santana. Do pequeno núcleo de estudantes de 1927, transformou-se em uma comunidade de milhares de jovens que a frequentam. De uma pequena Escola Normal do interior, tornou-se, por um imperativo da lei, em Instituto Regional de Educação, como o Iacea é um Instituto Central. Não é uma escola igual as outras. É um Instituto Regional. A concretização do sonho, ainda em marcha, de Anísio Teixeira - seu grande amigo- que à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, a concebeu múltipla e desdobrada, para atingir suas finalidades.

Feira Hoje, 29 de maio de 1977.

Conforme afirmamos anteriormente, a significação do IEGG na vida educacional, social e cultural da cidade, vai-se definindo e representando através de um conjunto de comemorações e festejos dos mais diferentes eventos que ocorreram ao longo da sua trajetória. Em meados dos anos 70 até a década seguinte, observam-se manifestações de descontentamento e insatisfações da comunidade local, resultando em depredação das suas dependências físicas acrescida de apelo ao sistema de segurança.

Coube-nos assinalar, nos limites deste artigo e no propósito específico da pesquisa *Fontes para o Estudo da História da*

*Educação em Feira de Santana*, a riqueza dos dados a serem explorados no arquivo do Instituto de Educação Gastão Guimarães. As notícias veiculadas na imprensa local, anos 50-80, mostram o valor da Escola Normal responsável pela formação dos professores primários e a sua perda de prestígio gradativa, evidenciada nas constantes agressões ao seu patrimônio físico, sem mencionar a perda de qualidade do ensino que foi uma marca não apenas local, mas do contexto educacional do período. O estado em que os documentos relativos à história dessa instituição de ensino encontra-se, hoje, indica a necessidade de se preservar a memória da escola pública e a história da formação dos professores primários, resgatando a história da escola normal numa cidade que tem um papel relevante no desenvolvimento regional.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Projeto desenvolvido pelo Grupo de História da Educação do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, julho de 1999, tendo como referência o Guia Preliminar de Fontes para a História da Educação Brasileira, elaborado por Clarice NUNES (Brasília, INEP, 1992).
- <sup>2</sup> Na literatura sobre Feira de Santana, num sentido histórico e abrangente, dentre os estudos encontrados, dos seus primórdios até a década de 1950, a maior referência até o momento é o estudo de Rollie E. Poppino, que contou com o apoio da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia ao Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia Columbia University, e constituiu sua tese de doutorado. Esta Fundação, hoje extinta, foi criada pela Lei n.º 347, de 13 de dezembro de 1950, no governo de Otávio Mangabeira (1947-1951) e na gestão de Anísio Teixeira como Secretário da Educação da Bahia .
- <sup>3</sup> Feira de Santana foi criada com a denominação de Villa do Arraial de Feira de Sant'Anna, com território desmembrado de Cachoeira, em 9 de maio de 1833. A lei provincial n.º 1.320, de 16 de junho de 1873, elevou a vila à categoria de cidade – Cidade Commercial de Feira de Santana. Após outras modificações, em 1938, o decreto estadual nº 11.089 de 30 de novembro, oficializou a denominação atual do município: Feira de Santana.

- <sup>4</sup> Rollie E. POPPINO. **Feira de Santana**. p.20.
- <sup>5</sup> J.S. TAVARES. Na Feira de Santanna ( Estado da Bahia). In **Revista Brotéria**. Série Vulgarização Scinetífica. V.XII, p.218-19.
- <sup>6</sup> O desenvolvimento da indústria em Feira de Santana, até 1950, estava restrito, principalmente, à transformação de matérias-primas agrícolas e da pecuária. Dominavam os produtos de fabricação doméstica, tais como: o beneficiamento do fumo, o preparo da carne do sol e/ou charque, o preparo de pele, manufaturas de sapatos e sandálias, rédeas e selas para animais, fabrico de farinha, extração de óleos vegetais; fabricavam-se, também, cestos, sacos, tapetes, cordas de caruá e outras fibras da região que eram comercializados na feira.
- <sup>7</sup> O município de Feira de Santana, em 1950, possuía uma população de 107.205 habitantes, 68% residentes na zona rural. Em 1960 e 1970, Feira registrou uma população, respectivamente, de 139 747 e 187.290 habitantes. Em 1980, a população era de 292 173, 80% dos quais residentes em zona urbana. Em 1991 contava com 406 447 habitantes.
- <sup>8</sup> Até 1925, existia a Escola Normal da Capital, criada pela Lei Provincial nº 37, de 14 de abril de 1836.
- <sup>9</sup> TEIXEIRA, Anísio Spínola. **O Ensino no Estado da Bahia. 1924/1928**, p.84.
- <sup>10</sup> O suntuoso prédio construído para o Grupo Escolar J.J. Seabra, em 1916 , abrigou a Escola Normal de 1927 a 1960 , a Faculdade de Educação de Feira de Santana, 1968-1976 e desde 1988 foi incorporado ao patrimônio da Universidade Estadual de Feira de Santana, sediando, atualmente, o Centro Universitário de Cultura e Arte.
- <sup>11</sup> Cf. Neide Almeida de SILVA, Marília Queiroz e CRUZ, **Instituto de Educação Gastão Guimarães – 50 anos de Educação**. p.29.
- <sup>12</sup> Cf. Ione Celeste Jesus de SOUSA. **Garotas Tricolores, Deusas Fardadas – As normalistas em Feira de Santana – 1925 a 1945**. p.85.
- <sup>13</sup> Idem, p.90.
- <sup>14</sup> Cf. Antonio Roberto Seixas da CRUZ . **Mestras no Sertão, reconstruindo caminhos percorridos**. p.133.

<sup>15</sup> Trata-se da pesquisa **A escola básica de Feira de Santana-1950/1980**, coordenada por Maria Lêda Ribeiro de Barros. A entrevista selecionada neste texto foi concedida a Eutides Maria Moraes Pires, bolsista de IC/CNPq, em 23 de setembro de 1988.

<sup>16</sup> Cf. os trabalhos referenciados nas notas 11, 12 e 14.

## REFERÊNCIAS

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. **Mestras no sertão, reconstruindo caminhos percorridos**. 2000, p.133, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968. p.20.

SILVA, Marília Queiroz e CRUZ, Neide Almeida de. **Instituto de Educação Gastão Guimaraes – 50 anos de Educação**. Feira de Santana: Graficartes, 1977, p.29.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. **Garotas tricolores, deusas fardadas – as normalistas em Feira de Santana – 1925 a 1945**. 1999. 85p. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC-SP/UCSAL, Salvador.

TAVARES, J.S. Na Feira de Santanna ( Estado da Bahia). **Revista Brotéria**, v.12, p.218-219, 1914.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **O Ensino no Estado da Bahia. 1924/1928**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1928, p.84.

## ANEXOS

**Quadro 1** - Diretores do Instituto de Educação Gastão Guimarães

Período	Nomes
1927-1930	Arthur Mendes de Aguiar
1931-1938	Miguel Ribeiro
1938-1945	Gastão Cloves de Souza Guimarães
1945	Lourival Pimenta Bastos
1945-1951	Péricles Ramos
1951	Lourival Batista Pimenta Bastos
1951-1954	Hibelmont Neves
1954-1955	Renato d'El Rei de Sá Bittencourt Câmara
1955-1976	Dival da Silva Pitombo
1976-	Josenita Nery Boaventura

**Fonte:** SILVIA, Marília Queiroz da e CRUZ, Neide Almeida da. Instituto de Educação Gastão Guimarães. 50 anos de educação. Feira de Santana/Bahia, 1977.

**Quadro 2 - Notícias do Instituto de Educação Gastão Guimarães.  
Avisos, resoluções, portarias e outros.**

<b>Periódico</b>	<b>Manchete principal</b>	<b>Assunto</b>
Vanguarda, 1950	Escola Normal Rural de Feira de Santana.	Aviso circular do diretor comunicando aos pais sobre a carteira de identidade do aluno.
Folha do Norte, 1950	Escola Normal.	Aviso da secretaria da escola comunicando inscrições para exames de admissão.
A Tarde, 1963	Média 4,55 e 2ª época para quem tenha de 4 a 4,54.	Portaria da SEC/BA sobre verificação de aprendizagem.
A Tarde, 1963	Instruções para o próximo ano: Sup. Ensino Médio.	Instruções aos diretores quanto à matrícula, transferência e outros.
A Tarde, 1966	Criado mais um curso ginásial normal.	Resolução do CEE/BA, criando curso ginásial normal
A Tarde, 1967	Secretaria da Educação regulamentou distribuição de aulas suplementares.	Portaria regulamenta o número de horas extraordinárias atribuídas ao pessoal de direção.
Feira Hoje, 1979	Comissão analisa forma do I.E.G.G. só funcionar como um instituto.	Reunião da Comissão Estadual de Revitalização do Ensino Normal.
Diário de Notícias, 1979	Eraldo Tinoco denuncia precárias condições da nossa rede de ensino.	Depoimento do Secretário de Educação.
Folha do Norte, 1979	Gastão: curso normal será revitalizado.	Visita da Comissão de Revitalização dos Cursos Normais do Estado.
Feira Hoje, 1979	I.E.G.G. cuida de revitalizar o Curso Normal.	Projeto de revitalização do curso normal.
Sem informação	Revitalização tem cursos no I.E.G.G.	Programa de revitalização do curso normal.
Correio da Bahia, 1979	Efetivação foi aprovada por unanimidade.	Lei aprova a efetivação de professores contratados.
Folha do Norte, 1980	Curso no I.E.G.G.	Realização de curso em metodologia e prática de ensino.

**Fonte:** Dados coletados no Instituto de Educação Gastão Guimarães. Levantamento em Campo, março de 2000.

**Quadro 3 - Notícias do Instituto de Educação Gastão Guimarães. Festas, formaturas e fanfarras.**

<b>Periódico</b>	<b>Manchete principal</b>	<b>Assunto</b>
Folha do Norte, 1950	A Escola Normal, comemora, com festas, o seu 23º aniversário.	Comemoração de aniversário.
Estado da Bahia, 1951	Em excursão cultural os professores de Feira.	Excursão cultural.
Estado da Bahia, 1958	Nunca a Educação foi tão bem servida no atual governo.	Depoimento do diretor.
Jornal da Bahia, 1959	Satisfeita com os aplausos do povo a Escola de Feira.	Desfile de 2 de Julho.
A Tarde, 1959	A Escola Normal e o Colégio Estadual de Feira.	Desfile de 2 de Julho.
A Tarde, 1960	Visita a Feira de Santana.	Realização de curso.
A Tarde, 1960	Feira diplomou este ano 78 professorandas.	Excursão cultural.
Diário de Notícias, 1969	Grande Turma.	Formatura de alunos.
Diário de Notícias, 1972	Estudantes do Gastão Guimarães doaram os enxovais à mãe pobre.	Doação de enxovais.
Diário de Notícias, 1972	Bandeiras.	Exposição de bandeiras.
A Tarde, 1974	Cobertores.	Doação de cobertores.
Feira Hoje, 1974	O aniversário do Gastão.	Comemoração de aniversário.
Jornal da Bahia, 1976	Empossadas as novas diretoras do Gastão.	Posse de diretoras.
Feira Hoje, 1977	Por que mutilar o Gastão?	Declaração do diretor.
Feira Hoje, 1977	Gastão Guimarães: meio século de existência.	Declaração do diretor.
Feira Hoje, 1977	Os 50 anos do Gastão.	Comemoração de aniversário.
Feira Hoje, 1977	Hoje terminam as festas do Gastão.	Comemoração de aniversário.
Feira Hoje, 1977	Festa no I.E.G.G.	Comemoração de aniversário.
Folha do Norte, 1977	I.E.G.G. em Tempo de Jubileu.	Comemoração de aniversário.
Folha do Norte, 1977	I.E.G.G.: 50 anos.	Comemoração de aniversário.
Folha do Norte, 1977	Termina a Festa do Jubileu.	Comemoração de aniversário.
Sem informação	O "ouro" do Gastão.	Matéria assinada.
Feira Hoje, 1978	Desfile foi prejudicado.	Comemoração 7 de Setembro.
Folha do Norte, 1978	I.E.G.G. homenageou professores.	Comemoração do dia do professor.
Folha do Norte, 1978	Torneio Imprensa no I.E.G.G.	Comemoração do dia da imprensa.
Feira Hoje, 1978	Diretoria do I.E.G.G. quer melhorar imagem.	Declaração da diretora.

**Fonte:** Dados coletados no Instituto de Educação Gastão Guimarães. Levantamento em campo, março de 2000.

**Quadro 4 - Notícias do Instituto de Educação Gastão Guimarães. Reclamações, incêndio e greve.**

Periódico	Manchete principal	Assuntos
Feira Hoje, 1977	Dival rebela-se contra a divisão do Gastão.	Depoimento do diretor.
Folha do Norte, 1977	O troca-troca estudantil.	Reclamações.
Feira Hoje, 1978	Incêndio.	Incêndio no instituto.
Folha do Norte, 1978	Vândalos queimam depósito do I.E.G.G.	Incêndio no instituto.
Feira Hoje, 1978	Vandalismo.	Incêndio no instituto.
Feira Hoje, 1978	Desocupados continuam a atuar e depredam o Gastão Guimarães.	Depredação do instituto.
Folha do Norte, 1979	Alunos do I.E.G.G. querem revisão de provas.	Reclamações.
Feira Hoje, 1979	No Gastão, índice de reprovação é normal.	Declaração da diretora.
Folha do Norte, 1979	As matrículas.	Reclamações.

**Fonte:** Dados coletados no Instituto de Educação Gastão Guimarães. Levantamento em campo, março de 2000.